

Os nomes compostos do hebraico: uma análise morfossintática¹

(The Hebrew compounds: one morphosyntactic analysis)

Rafael Dias Minussi

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

rafaelminussi@usp.br

Abstract: In Hebrew, meaning can be construed by the overlapping of two nouns. This juxtaposition, according to the language's traditional grammar, is either understood as a compound, or understood as a very productive construction in this language, named the Construct State (therefore CS), since there is a superficial resemblance between the constructions. This work fills a gap between works on compounds and CSs, since it looks for a unified treatment to these constructions, presenting a morphosyntactic analysis to them through the theoretic frame of Distributed Morphology. Thus, we analyze the compounds as being formed by only one root, what can be verified for the non-compositional character of the construction, while the CSs are formed by two roots, and, consequently, have a meaning which is built compositionally.

Keywords: compounds; construct state; Distributed Morphology

Resumo: Em hebraico, os significados podem ser construídos por meio da justaposição de dois nomes. Tal justaposição, segundo a gramática tradicional, ora é entendida como um composto, ora como uma construção muito produtiva nesta língua, denominada *Construct State* (doravante CS), pois há uma semelhança superficial entre as construções. O presente trabalho preenche uma lacuna nos trabalhos sobre os compostos e os CSs, pois procura dar um tratamento unificado às construções ao apresentar uma análise morfossintática de formação das mesmas, por meio da utilização do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (MD). Assim sendo, analisamos os compostos como sendo formados por apenas uma raiz, o que pode ser verificado pelo caráter não composicional da construção, enquanto os CSs são formados por duas raízes e, conseqüentemente, possuem um significado construído composicionalmente.

Palavras-chave: nomes compostos; *construct state*; Morfologia Distribuída.

Introdução

Em hebraico, alguns significados são construídos pela justaposição de dois elementos, que podem ser: N+N, N+A, A+N, N+P, P+A e A+A. Esta justaposição, segundo a gramática tradicional, ora é entendida como um composto, ora como uma construção muito produtiva nesta língua: *Construct State* (doravante CS), por causa da semelhança superficial que esses dois tipos de construção apresentam. No entanto, não há pareamento um por um das características presentes nesses sintagmas. Em (01), exemplificamos os compostos e os CSs:

¹ Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento da pesquisa.

(01)	Compostos		CS	
	a)	<i>beyt</i> <i>ha-sefer</i>		b) <i>beyt</i> <i>ha-student</i>
		casa DEF-livro		casa.CS.m.sg DEF-estudante
		“a escola”		“a casa do estudante”

No exemplo acima, podemos observar a principal diferença entre as duas construções: o composto, em (01)a), não possui uma leitura composicional, por sua vez, o CS, em (01)b), possui uma interpretação composicional. No entanto, as construções possuem algumas semelhanças, como destaca Pereltsvaig (s.d):

- (02)
- a) Palavra prosódica: os compostos e os CS formam uma palavra fonológica².
 - b) Núcleo não-modificado: Quando um adjetivo modifica um núcleo, tal modificador não pode seguir diretamente o núcleo que ele modifica. Este fato também ocorre com o marcador de definitude *ha-*.
 - c) O membro não-núcleo deve ser realizado.
 - d) Definitude Espreada: a definitude é marcada no segundo membro, mas o composto ou o CS inteiros são definidos.

Tendo em mente que os compostos e o CS possuem algumas semelhanças e diferenças, o objetivo deste trabalho é tratar dessas duas construções e mostrar que, apesar das semelhanças já ressaltadas, os compostos e os CSs possuem estruturas de formação diferentes entre si. Além disso, argumentamos que tanto os compostos, quanto os CSs são formados na sintaxe.

A fim de tratar sintaticamente as construções citadas, nossa hipótese tem como arcabouço teórico a Morfologia Distribuída, um dos desenvolvimentos recentes da Gramática Gerativa (Cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997 e HALLE, 1997), cujo pressuposto é o de que tanto as palavras, quanto as sentenças são formadas durante a derivação sintática, uma vez que na Morfologia Distribuída não há léxico.

Os compostos e o CS: semelhanças e diferenças

Nesta seção, vamos comparar o CS e os compostos. As diferenças entre as propriedades dessas construções nos levam a buscar, para cada uma delas, um tratamento particular. Nosso estudo poderá ter como consequência, portanto, a possibilidade de formulação de definições particulares para CSs e compostos em termos estruturais, já que queremos dar a elas tratamentos sintáticos diferentes. Desse modo, além de mostrarmos que características essas construções têm em comum, ressaltaremos suas diferenças, as quais nos fazem crer que se tratam de construções distintas.

Partiremos de duas características destacadas por Pereltsvaig (s.d) em (02). A propriedade apontada em (02)b), sobre a impossibilidade de modificação do núcleo de um CS ou de um composto, está relacionada ao fato de CSs e compostos formarem uma palavra prosódica. Se essas construções formam uma palavra prosódica, então os núcleos que as constituem não podem ser separados. Os exemplos em (03) ilustram que nenhum modificador, tal como um adjetivo, pode intervir entre o núcleo e o não núcleo.

² Ao analisarmos as duas construções mais de perto, podemos notar que os morfemas que estão presentes no CS são os mesmos que estão presentes nos compostos. Mesmo quando há apenas uma mudança morfo-fonológica, sem a presença de um morfema propriamente dito, como no caso de *bayit* ‘casa’ para *beyt* ‘casa’, a mudança é igual em ambas as construções.

(03)	Composto		CS			
a)	<i>beyt sefer xadaš</i>		b)	<i>beyt more xadaš</i>		
	casa(m) livro novo			casa.CS.m.sg professor novo		
	‘uma escola nova’			‘casa de professor nova’		
c)	<i>*beyt xadaš sefer</i>		d)	<i>*beyt xadaš more</i>		
	casa nova livro			casa.CS.m.sg novo professor		

A propriedade em (02)d diz respeito ao fato de que o núcleo do CS e dos compostos não pode carregar o chamado artigo definido *ha-*.

(04)	Composto		CS		
a)	<i>(*ha-)beyt sefer</i>		b)	<i>(*ha-)beyt more</i>	
	DET-casa livro			DET-casa.CS.m.sg professor	
	significando: ‘a escola’			significando: ‘a casa do professor’ ou ‘a casa de um professor’	

Nos CSs e nos compostos a definitude é marcada no segundo membro e se espalha para o núcleo, ou seja, para o primeiro membro. Dessa forma, o CS e o composto inteiros são interpretados como definidos. Um teste que comumente se faz para indicar a definitude do núcleo do CS e do composto é utilizar a partícula *‘et*, chamada de marca de Caso acusativo pela gramática tradicional, pois essa partícula é sensível à definitude do sintagma que ela precede.

(05)	a)	<i>Ra’iti ‘et beyt ha-sefer³</i>	
		vi ACC casa DET-livro	
		‘Eu vi a escola’	
	b)	<i>Ra’iti (*‘et beyt sefer</i>	
		vi ACC casa livro	
		‘Eu vi uma escola’	
	c)	<i>Ra’iti ‘et beyt ha-more</i>	
		vi ACC casa.CS.m.sg DET-professor	
		‘Eu vi a casa do professor’	
	d)	<i>Ra’iti (*‘et beyt more</i>	
		vi ACC casa.CS.m.sg professor	
		‘Eu vi uma casa de um professor’	

Os exemplos em (05)a-c) mostram a presença do chamado artigo definido no segundo membro do composto e do CS e a obrigatoriedade da partícula *‘et*; porém em (05)b-d) a partícula *‘et* não pode aparecer, pois o artigo definido não está presente. Como consequência da falta do *ha-* o CS e o composto são indefinidos.

Dadas as similaridades entre os CSs e os compostos nos perguntamos quais são as diferenças entre essas duas construções.

A primeira diferença logo percebida entre os compostos e os CSs diz respeito à composicionalidade de significado. Os últimos constroem seu significado composicionalmente, enquanto os primeiros não o fazem dessa forma. Por exemplo, por um lado, os compostos *beyt sefer* (literalmente: casa-livro) e *beyt šimuš* (literalmente: casa-uso) significam, respectivamente, ‘escola’ e ‘toalete’, significados construídos não composicionalmente; por outro lado, o CS *beyt yeled* (literalmente: casa-menino) tem seu significado ‘casa de menino’ construído composicionalmente. A diferença entre

³ Os exemplos em (05) são de Pereltsvaig (s.d), p.6.

composicionalidade e não composicionalidade, portanto, pode resultar em um teste para se diferenciar compostos de CSs. Apenas CSs podem ser parafraseados por *Free State* (FS), uma construção que apresenta a preposição *šel*. Vejamos os exemplos em (06).

(06)	<p>CS</p> <p>a) <i>beyt ha-mora</i> casa DET-professora 'a casa da professora'</p> <p>Composto</p> <p>c) <i>beyt xolim</i> casa doentes 'hospital'</p> <p>e) <i>pinkas xaver</i> cartão membro (amigo) 'carteirinha de sócio'</p> <p>g) <i>ben ha-zug</i> filho DET-casal 'o cônjuge'</p>	<p>FS</p> <p>b) <i>ha-bayit šel ha-mora</i> DET-casa prep DET-professora 'a casa da professora'</p> <p>FS</p> <p>d) <i>bayit šel xolim</i> casa prep doentes 'uma casa de pessoas doentes'</p> <p>f) <i>pinkas šel xaver</i> cartão prep membro (amigo) 'cartão de um colega (amigo)'</p> <p>h) <i>ben šel ha-zug</i> filho prep DET-casal 'um filho do casal'</p>
------	---	--

Nos exemplos acima, percebemos que é possível parafrasear o exemplo (06)a), um CS por meio de um FS, que está em (06)b). Essa observação nos sugere que, de fato, os CSs, assim como os FSs, são formados composicionalmente. No entanto, uma correspondência de significado, e conseqüente possibilidade de paráfrase, não pode ser percebida entre os exemplos em (06)c-e-g), que são compostos e (06)d-f-h), que estão na forma livre, ou seja, apresentam a preposição. Não queremos dizer que os exemplos em (06)d-f-h) são agramaticais, mas a intenção é mostrar que tais exemplos podem ser interpretados apenas composicionalmente.

Contudo, há expressões que são ambíguas entre uma leitura de composto e uma leitura de CS, como o caso de *ben ha-melex* (literalmente: filho DET-rei), que pode significar tanto 'o príncipe', quanto 'o filho do rei'. Há que se levar em conta que esse é um exemplo típico de expressão tomada do hebraico bíblico. No hebraico moderno, existe uma palavra para 'príncipe': *nasix*, de forma que um falante de hebraico moderno optará por utilizar a forma *nasix* para significar príncipe.

Outra diferença entre compostos e CSs, que pode estar ligada ao fenômeno de opacidade semântica e sintática que a primeira construção apresenta, encontra-se no fato de que a marca de número do segundo membro nos compostos não possui um papel relevante na determinação do significado do composto como um todo. Assim, pode haver compostos com o segundo membro no plural (*beyt xolim* Lit: casa doente(pl)), outros com o segundo membro no singular (*beyt sefer* Lit: casa livro(sg)), sem que esse traço de número seja importante para a interpretação do composto. Em contraste, nos CSs, o número do segundo membro tem um papel importante, provocando uma alteração na interpretação global do construto.

(07)	<p>a) <i>beyt xolim</i> casa(sg) doente(pl) 'hospital(sg)'</p> <p>b) <i>batey xolim</i> casa(pl) doente(pl) 'hospital(pl)'</p> <p>c) <i>šmot ha-xolim</i> nomes DET-doente(pl) 'os nomes dos doentes/pacientes'</p>
------	---

- d) *šmot ha-xole*
 nomes DET-doente(sg)
 ‘os nomes do doente/paciente’

Em (07)a), o nome *xolim* ‘doentes’ está no plural, mas o significado formado com este nome está no singular ‘hospital’, o número plural do composto é marcado no primeiro membro, como em (07)b). Já em (07)c-d), vemos que a pluralidade ou a singularidade do segundo membro, *xolim* ‘doentes’ e *xole* ‘doente’, respectivamente, influem no significado do sintagma.

Uma terceira diferença entre as duas construções diz respeito à modificação direta do segundo membro. Em (08)a), vemos que é possível modificar o segundo membro dos CSs, mas não é possível modificar o segundo membro dos compostos, como o dado em (08)c) nos mostra. Isso nos sugere que a modificação também pode servir como um teste para identificar um composto ou um CS.

- (08) a) *gan perot tropiyim*
 jardim.CS.m.sg fruta (pl) tropical(pl)
 ‘um jardim de frutas tropicais’
- b) *gan yeladim*
 jardim crianças(pl)
 ‘um jardim de infância’
- c) **gan yeladim katanim*
 jardim criança(pl) pequeno(pl)
 significando: ‘um jardim de infância para crianças pequenas’

Assim como ocorre com a modificação, é possível coordenar os membros não núcleos do CS, mas não é possível coordenar os membros não núcleos dos compostos.

- (09) a) *gan perot ve-praxim*
 jardim.CS.m.sg fruta(pl) e-flor(pl)
 ‘um jardim de frutas e de flores’
- b) *gan xayot*
 jardim animal(pl)
 ‘um zoológico’
- c) **gan yeladim ve-xayot*
 jardim criança(pl) e-animal(pl)
 significando: ‘um jardim de infância e um zoológico’

Em (09)a), não temos a repetição do núcleo do CS no segundo CS formado. Mesmo assim, a coordenação dos dois CSs é possível. Por sua vez, em (09)c), a formação do composto *gan xayot* ‘zoológico’ não é possível sem a repetição do núcleo *gan* ‘jardim’, sendo impossível a coordenação.

Do mesmo modo, CSs aninhados, ou seja, encaixados, são possíveis, enquanto o encaixamento de compostos não é.

- (10) a) *delet beyt morat ha-kita*
 porta.CS.m.sg casa.CS.m.sg professora.CS.f.sg DET-classe
 ‘a porta da casa da professora da classe’
- b) **gan xayot ha-bar*
 jardim animais DET-selva/ermo
 significando: ‘o zoológico de animais da selva’

- c) **beyt xoley nefesh*
 casa doentes espírito
 significando: ‘hospital mental’
- d) *beyt xolim le-xoley nefesh*
 casa doentes para-doentes espírito
 ‘hospital mental’

No exemplo em (10)a) temos três CSs sendo encaixados. Podemos analisá-los da seguinte forma: *delet bayit* ‘porta de casa’; *delet* ‘porta’ como núcleo do primeiro CS; *beyt mora* ‘casa de professora’; *beyt* ‘casa’ como núcleo do segundo CS; *morat ha-kita* ‘a professora da sala’, *morat* ‘professora’ como núcleo do terceiro CS. Vale ressaltar que a marca de definido *ha-*, também chamado de artigo definido, está presente no membro genitivo do terceiro CS, porém a definitude se espalha até o núcleo do primeiro CS, tornando todo o CS encaixado definido. No exemplo em (10)b), *xayot* ‘animais’ não pode ser tomado como núcleo de um segundo composto ou CS formando *xayot ha-bar* ‘os animais da selva’, assim como em (10)c) *xoley* ‘doentes’, que ocupa a posição de segundo membro do composto e, portanto, junto com o núcleo *beyt* ‘casa’ forma o significado de ‘hospital’, não pode ser núcleo de um CS como *xoley nefesh* ‘doentes de espírito’. Em (10)d), temos um exemplo de boa formação com a repetição de *xoley* em um sintagma preposicionado formando o CS adjetival.

Por último, Pereltsvaig (s.d) e Siloni (2003) ressaltam que é possível se referir ao núcleo de um CS por um elemento pronominal, como mostra o exemplo em (11)a), mas não é possível se referir ao núcleo de um composto dessa forma, como aponta o exemplo em (11)b):

- (11) a) *Carix la-?avor [bdikat mizvadot]*
 necessário inf-passar [exame.CS.f.sg malas]
 ‘*axat ve-od axat [šel tikey-yad]*
 um e-outro um [prep bolsa-mão]
 ‘É necessário fazer um exame de malas e também um de bolsa’ (PERELTSVAIG, s.d)
- b) **Hu bana lanu šney [batey xolim] ve-?od exad*
 Ele construiu para nós dois [hospitais] e-outro um
 [sefer]
 [livro]
 (significando ‘Ele construiu para nós dois hospitais e uma escola’)
 (cf. *beyt sefer* ‘escola’) (PERELTSVAIG, s.d)

Assim, discutimos algumas similaridades e mostramos algumas diferenças entre os compostos e CSs. Argumentaremos sobre uma possível análise dessas construções em seção posterior.

Pressupostos teóricos

Nesta seção, apresentaremos alguns pressupostos teóricos essenciais para uma boa compreensão da análise a ser proposta.

A Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída (MD) é um dos desenvolvimentos recentes da Teoria da Gramática Gerativa; sendo assim, ela se caracteriza como uma teoria sobre a arquitetura da faculdade da linguagem.

São três as propriedades que definem a MD:

- (12) a) **Inserção tardia** (*Late Insertion*): refere-se à hipótese de que expressões fonológicas de terminais sintáticos são fornecidas no mapeamento para a Forma Fonológica (PF). Em outras palavras, categorias sintáticas são puramente abstratas, não possuindo conteúdo fonológico. Apenas depois da sintaxe, elas recebem traços fonológicos, por meio de regras que unem “som” a traços de um nó terminal, chamadas de itens de vocabulário, que caracterizam um processo chamado *spell-out*.
- b) **Subespecificação dos itens de vocabulário** (*Underspecification of vocabulary items*): as expressões fonológicas não precisam ser completamente especificadas para as posições sintáticas onde elas podem ser inseridas. Apenas os morfemas (nós da estrutura sintática) são totalmente especificados em relação ao seu conteúdo.
- c) **Estrutura sintática hierárquica em toda a derivação** (*Syntactic hierarchic structure “all the way down”*): implica que elementos que juntam sintaxe e morfologia entram nos mesmos tipos de estruturas de constituintes. A Morfologia Distribuída está baseada na proposta de que os elementos da sintaxe e da morfologia são entendidos como discretos, em vez de resultados de processos morfo-fonológicos. Não há a necessidade de derivações ou processos pré-sintáticos.

O léxico é explodido em três listas (Cf. MARANTZ, 1997) que são acessadas em diferentes lugares da derivação sintática.

A Lista A (Elementos Primitivos) contém as raízes e os morfemas abstratos. Os morfemas abstratos são terminais sintáticos que possuem apenas traços não fonológicos. Atualmente, existe uma grande discussão sobre a natureza das raízes na MD. Para Embick e Noyer (2004), as raízes são definidas como complexos de traços fonológicos⁴ e, em alguns casos, traços diacríticos não-fonológicos.

A Lista B (Vocabulário), segundo Embick e Noyer (2004), contém os itens de vocabulário, ou seja, a expressão fonológica dos morfemas abstratos⁵ e as regras necessárias para combinar a parte fonológica com a parte morfológica da estrutura sintática.

A Lista C (Enciclopédia) é uma lista de informação semântica que deve ser consultada. Por exemplo, uma propriedade de certa raiz, ou de um objeto construído sintaticamente, tal como uma expressão idiomática, será consultada para, então, ter seu significado definido. Essa lista também define sentidos especiais para determinadas raízes, dependendo do contexto sintático em que tais raízes aparecem.

As raízes hebraicas

É unanimidade entre os estudiosos da língua hebraica a afirmação de que o hebraico possui um sistema de raízes que, na maioria das vezes, é tri consonantal e impronunciável (Cf. ARAD, 2004). Elas apenas podem ser pronunciadas quando recebem uma vocalização e, por meio da vocalização, a raiz receberá uma categoria. Dessa forma, há uma vocalização para os nomes, outra para os adjetivos e outra para os verbos, como podemos notar em (13):

⁴ Trabalhos recentes, como Rocha (2008), tentam mostrar que as raízes não possuem conteúdo fonológico. O presente trabalho também está engajado em discutir os traços presentes nas raízes da MD e, para tanto, irá tomar as raízes apenas como um conjunto de traços abstratos, sem conteúdo fonológico.

⁵ Para aqueles que defendem a inserção tardia de conteúdo fonológico para as raízes, como é o nosso caso, a Lista B também contém os itens de vocabulário para as raízes.

(13)	√gdl	
	Padrão vocálico	Palavra
	CaCaC (v)	<i>gadal</i> ‘crescer’
	CaCoC (a)	<i>gadol</i> ‘grande’
	CoCeC (n)	<i>godel</i> ‘tamanho’

Também não é novidade entre os linguistas e gramáticos que as raízes hebraicas carregam algum campo semântico (especificamente, neste trabalho, estamos chamando esse campo semântico de conceito) nas palavras que são formadas a partir de uma determinada raiz. Vejamos o exemplo de outras duas raízes em (14) e (15):

(14)	√xtv	
	<i>mixtav</i>	carta
	<i>lxtov</i>	escrever
	<i>ktivá</i> ⁶	escrita/escritura
	<i>hxtava</i>	ditado
	<i>katav</i>	correspondente, repórter, jornalista
(15)	√sfr	
	<i>safra</i>	escritor (palavra de origem aramaica, mesma raiz de contar/narrar)
	<i>sefer</i>	livro

De (14), podemos depreender um conceito que pode ser traduzido como “o que é escrito” ou “o que escreve”, ou ainda no caso de um nome, “aquele que escreve”. E por que *escritor* não é construído a partir da mesma raiz de *escrever*? Como vimos em (15), a palavra *escritor* vem da mesma raiz de *livro*, que é a mesma raiz de *narrar*. Isso nos permite intuir sobre o modo como a língua organizou a realidade. Parece-nos, nesta língua, que o escritor possui a função de *narrar* como a principal, e não a função de *escrever*.

Neste trabalho, não estamos defendendo que todas as línguas possuam raízes como as hebraicas (tri-consonantais, impronunciáveis etc). Um estudo mais detalhado irá revelar que as raízes hebraicas não correspondem exatamente às raízes abstratas e, como demonstraremos a seguir, muitas vezes o hebraico não possui uma raiz tri-consonantal para representar o conceito que a raiz abstrata, aquela localizada na Lista A, possui.

O fato de o hebraico representar algumas raízes abstratas, mas não todas as raízes, que são formadas pelas três consoantes e mantidas em algumas palavras, permite um estudo sobre o tipo de informação semântica que permanece nas palavras formadas. De um modo mais específico, o sistema de raízes tri-consonantais pode permitir um estudo de quais traços compõem o conceito que as raízes carregam. Um estudo como esse, em línguas que possuem muitas raízes, ou que não permitem a visualização das raízes a partir da morfologia dos vocábulos formados, é mais difícil.

Tendo refletido sobre o que as raízes hebraicas representam, passaremos, na próxima seção, a uma análise dos compostos e dos CSs baseada na noção de raízes abstratas, na noção de conceito⁷ e no princípio de inserção tardia de conteúdo fonológico.

⁶ Há uma mudança fonética quando a letra *xaf* está no início da palavra.

⁷ Hjelmslev (1973) propõe, a partir de Saussure, que o signo linguístico seja composto de um Plano da Expressão e de um Plano do Conteúdo. Cada um desses planos, por sua vez, é composto de dois níveis: uma forma e uma substância. A forma corresponde ao que Saussure chama de valor, ou seja, é o conjunto

Uma análise alternativa: com quantas raízes um composto é formado?

Voltemos ao exemplo dado em (01) e repetido aqui como (16):

(16)	Composto		CS		
a)	<i>beyt</i>	<i>ha-sefer</i>	b)	<i>beyt</i>	<i>ha-student</i>
	casa	DET-livro		casa.CS.m.sg	DET-estudante
	'a escola'			'a casa do estudante'	

Para explicar a estrutura de um composto como *beyt sefer* 'escola', temos de pensar que, no momento em que o falante de hebraico quer dizer alguma coisa, por exemplo 'escola', ele deve selecionar da Lista A uma raiz que, nessa língua, expresse o conceito de 'escola'. Essa raiz é uma raiz abstrata, e para nós, sem nenhum conteúdo fonológico.

Uma vez selecionada a raiz, ela entra na derivação e toma um morfema abstrato que lhe dará uma categoria, nesse caso a categoria de nome. E então, a raiz, ao longo da derivação, recebe todos os traços que devem compor a palavra 'escola'. Ao término da derivação, a estrutura sintática que forma 'escola' vai para *spellout* e segue para Forma Fonética (PF) e para a Forma Lógica (LF).

Para a MD, há a inserção tardia de conteúdo fonológico no caminho para PF. Neste momento, a Lista B, lista de expoentes fonológicos/itens de vocabulário, entra em ação.

Nossa análise sugere que há uma "falha" no momento da inserção do item de vocabulário correspondente à raiz que o falante selecionou da Lista A, uma vez que não há, na língua hebraica, um único item totalmente especificado para o conjunto de traços que compõem o conceito de escola. Dessa forma, para que seja inserido um item de vocabulário naquele nó terminal, deve haver uma fissão dos traços que o compõem. Sugerimos, assim, que ocorra uma fissão dos traços semânticos que compõem a raiz abstrata que foi selecionada.

Sabemos que nesse nó terminal, agora fissionado, irão entrar os expoentes fonológicos *beyt sefer* (literalmente: casa-livro). Desse modo, por meio da semântica lexical, podemos tentar delimitar os *semas*, traços distintivos próprios do conteúdo, que compõem a raiz. Para esta análise, nos apropriaremos da teoria hjelmsleviana, que, como já dissemos, propõe uma forma do conteúdo, composta de regras combinatórias e diferenças semânticas. Assim, sugerimos que o nó terminal de escola deve conter, por exemplo, os traços: +lugar coberto, +ensino, +saber, +cultura, +lugar em que pessoas estão juntas, +estudo, +conhecimento, +narrar (no sentido que alguém transmite algo pela narrativa, já que a raiz de *sefer* 'livro' é a mesma de narrar), +instrução, +experiência etc. Dessa forma, nenhum item de vocabulário disponível na Lista B do hebraico pode, sozinho, dar conta de todos os traços do morfema abstrato. Por esse motivo, são inseridos dois itens de vocabulário: *beyt* 'casa' e *sefer* 'livro'. Se fôssemos dizer qual é o conjunto de traços que cada item de vocabulário dá conta, poderíamos sugerir a seguinte divisão.

(17) /*beyt*/ ↔ [____, +lugar coberto, +lugar em que pessoas estão juntas, ...]

das diferenças. A forma da expressão são diferenças fônicas e suas regras combinatórias; a forma do conteúdo são diferenças semânticas e suas regras combinatórias. Cada uma das formas gera uma substância. A substância da expressão são os sons, a substância do conteúdo são os conceitos.

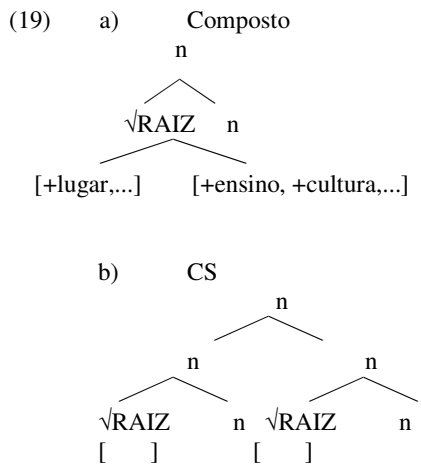
/sefer/ ↔ [__, +ensino,+saber, +cultura, +estudo, +conhecimento, +narrar (no sentido que alguma pessoa transmite algo pela narrativa), +instrução, +experiência, ...]

Resumindo, nossa análise defende que um composto como *beyt sefer* ‘escola’ é formado por uma única raiz. Essa raiz, por sua vez, é formada por traços semânticos que não possuem um expoente fonológico correspondente. A aplicação da operação de fissão, que separa os traços da raiz quando não há um único item de vocabulário capaz de saturar todos os traços que estão presentes no nó terminal, torna possível que dois Itens de Vocabulário sejam inseridos.

Voltemos agora aos construtos. Os construtos não seriam formados por uma raiz apenas, tal como os compostos, mas, em nossa hipótese de formação, eles seriam formados por duas raízes, tendo em vista seu caráter composicional. Dessa forma, no momento da inserção de expoente fonológico, será inserido um item de vocabulário para cada raiz. Sugerimos que as raízes estejam sob a mesma projeção funcional, o que explicaria, por exemplo, o porquê de nenhum elemento, como adjetivos ou modificadores preposicionados, poder ser inserido entre os dois membros do construto. Apenas a marca de definitude pode ser encontrada entre os membros do construto. A não modificação direta do núcleo do CS está ilustrada em (18):

- (18) a) *dirat* *ha-sar* *ha-gdola*
apartamento.CS.f.sg DET-ministro DET-grande
‘o apartamento grande do ministro’
- b) **dirat* *ha-gdola* *ha-sar*
apartamento.CS.f.sg DET-grande DET-ministro

Portanto, depois das operações morfológicas relevantes, teremos as seguintes estruturas sintáticas para o composto *beyt sefer* ‘escola’, em (19)a), e para os CSs em (19)b):



Evidência para a análise: a língua Miraña⁸ e os Marcadores de Classe Semânticos

Nesta subseção, como uma evidência independente para a formação de compostos a partir de uma única raiz, vamos refletir sobre os dados da língua Miraña. A

⁸ Os dados da língua Miraña foram retirados de Seifart (2005).

língua Miraña é uma língua Witotoan falada na região da Amazônia Colombiana e possui mais de 60 marcadores de classe nominais, de maneira que a maior parte deles denota a forma dos referentes nominais, ou seja, se tal nome denota um elemento alongado, estreito, pontudo etc.

Os marcadores de classe em Miraña, diferentemente dos marcadores de classe encontrados em outras línguas, como o chinês, atuam na composicionalidade do significado de uma palavra ou expressão e não apenas marcam a classe gramatical da palavra a qual estão presos, como podemos ver no exemplo em (20):

- (20) a) *Pihúí-ko*
 Pesca-**marcador de classe específico (SCM).1D**⁹.**pontudo**
 ‘vara de pesca’
- b) *túi?a-hui*
 pé-**SCM.orifício**
 ‘sapato’

Em (20)b), por exemplo, temos uma raiz *túi?a*, que significa ‘pé’ e um marcador de classe específico que significa ‘orifício’. Juntos, raiz e marcador de classe significam ‘sapato’. Parece que em línguas como o hebraico e também na língua Miraña, quando um novo conceito, expresso por uma nova raiz, entra na língua e não há um item de vocabulário que expresse a significação do nó sintático da raiz, a língua utiliza os expoentes fonológicos já existentes. No caso da língua Miraña, a língua utiliza o sistema de marcadores de classe. Já o hebraico, língua que não possui marcadores de classe, utiliza itens de vocabulário correspondentes a raízes com traços que são semelhantes aos traços dos marcadores de classe do Miraña. Podemos dizer, por exemplo, que o traço em questão para *beyt sefer* (casa-livro) ‘escola’, em hebraico, seja um traço [+locativo], no qual será inserido o item *beyt* ‘casa’. Por sua vez, o traço em questão para a língua Miraña seja um traço como: [+pontudo], [+orifício] etc.

Outras evidências para a análise: o deslocamento da definitude e a marcação do plural

Um fato que nos chama a atenção diz respeito à posição da marca de definitude nos compostos. No hebraico padrão, a marca de definitude, tanto nos compostos quanto nos CSs, aparece entre os dois elementos que fazem parte dessas construções, como já notamos no exemplo em (16).

No entanto, no hebraico coloquial, os compostos podem apresentar a marca de definitude no primeiro membro da expressão; por sua vez, os CSs tornam-se agramaticais se a marca de definitude estiver no primeiro membro do construto. Esse fato sugere que o falante interpreta *beyt sefer* ‘escola’ como um único item de vocabulário, a ponto de não inserir o *ha-* entre os dois membros. Esses fatos estão exemplificados em (21):

- | | | | | | |
|------|----|----------------|--------------|----|-----------------------|
| (21) | a) | Composto | | b) | CS |
| | | <i>ha-beyt</i> | <i>sefer</i> | | <i>*ha-beyt</i> |
| | | DEF-casa | livro | | DEF-casa |
| | | ‘a escola’ | | | ‘a casa do estudante’ |
| | | | | | <i>student</i> |
| | | | | | estudante |

⁹ 1D (uma dimensão).

Ainda no hebraico coloquial, principalmente entre os falantes mais jovens, podemos encontrar, segundo Shlonsky (2004), compostos com duas marcas de definitude. Esse fato levanta a hipótese de que a língua, que não possuía um item de vocabulário para expressar uma significação, com o tempo, passa por mudanças e adquire um item de vocabulário novo. Nesse item de vocabulário adquirido, o *ha-*, que antes era realização de um traço de definitude, já não marca a definitude, pois, como vemos nos exemplos em (22), quando o composto é definido, para esses falantes mais jovens, é necessário um novo *ha-* que marque a definitude. Dessa forma, *beyt ha-sefer* nesse dialeto significa ‘escola’ e não significa ‘a escola’. Essa análise só é possível se tomarmos a estrutura dos compostos como sendo composta por apenas uma raiz. Em (22), temos os compostos já com os novos itens de vocabulário adquiridos pela língua e com a marcação de definitude.

- (22) a) *ha*-[*beyt* *ha*-*xolim*]
 DEF-[hospital]
 ‘o hospital’
 b) *ha*-[*beyt* *ha*-*sefer*]
 DEF-[escola]
 ‘a escola’
 c) *ha*-[*orexha-din*]
 DEF-[advogado]
 ‘o advogado’

Ainda podemos destacar a marcação do plural nos compostos. Como já havíamos indicado no momento em que descrevemos as características dos compostos, se um membro está no plural, isso não quer dizer que o composto será interpretado no plural, como no caso de *xolim* ‘doentes’ que está no plural, porém o composto *beyt xolim* ‘hospital’ está no singular. O plural é marcado apenas uma vez no primeiro membro da expressão, como ilustrado em (23):

- (23) a) *beyt* *xolim*
 casa(sg) doente(pl)
 ‘hospital(sg)’
 b) *batey* *xolim*
 casa(pl) doente(pl)
 ‘hospital(pl)’

Conclusões

Neste trabalho, mostramos que compostos e CSs se diferem no modo como constroem seu significado, além de se diferenciarem em algumas propriedades como: modificação do segundo elemento da construção, coordenação e opacidade semântica. Tais fatos nos levaram a propor estruturas sintáticas distintas para as duas construções.

Propusemos, para a análise dos compostos, que haja uma fissão dos traços de sua raiz no Componente Morfológico localizado no caminho para PF, de modo que em PF são inseridos dois itens de vocabulário, um para cada grupo de traços fissionados. Já para a análise dos CSs, propusemos uma estrutura formada por duas raízes retiradas da Lista A, de modo que não há fissão. Um item de vocabulário é inserido para cada uma das raízes.

Enfim, tentamos dar evidências para a análise tomando os marcadores de classe da língua Miraña e dois fenômenos internos à língua hebraica: o deslocamento da marca de definitude e a marcação de plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAD, Maya. *Roots and Patterns*. Stanford University, 2004. (manuscrito)
- BORER, Hagit. Deconstructing the construct. In: Johnson, K., Roberts, I.G. (Eds.), *Beyond Principles and Parameters*, Kluwer, Dordrecht, 1999, p.43-89.
- EMBICK, D.; NOYER, R.. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND G.; REISS C. (Eds). *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*, Oxford University Press, 2004.
- HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: *MIT Working Papers in Linguistics*, n.30, 1997, p. 425-439.
- HALLE, M.; A. MARANTZ. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger*. MITPress, Cambridge, 1993, p. 111-176.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L., SUREK-CLARK, C. & WILLIAMS, A. (Orgs), *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. In: Working Papers in Linguistics, Philadelphia, 1997, p. 201-225.
- PERELTSVAIG, Asya. Compounding in Semitic, and Why English mice are not like Arabic 'Roofs', s.d. (manuscrito). Disponível em: <<http://www.usc.edu/schools/college/semitic/private/pdf/hebrcomp.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2004.
- SEIFART, F. *The structure and use of shape-based noun classes in Miraña (Noth West Amazon)*. 2005. Tese (Doutorado) - Radboud University Nijmegen.
- SHLONSKY, Ur. The form of Semitic noun phrases. *Lingua*, vol. 114, 2004, p. 1465-1526.
- SILONI, Tal. Prosodic Case Checking Domain: The Case of Constructs. In LECARNE, J. (Ed.). *Research in Afroasiatic Grammar II*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 481-510.
- ROCHA, Sonia R. *A ocorrência de "coisar" em Língua Portuguesa como contribuição para a hipótese das raízes abstratas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral, Área de Concentração: Teoria Gramatical) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

